



O FUTURO CONSTRÓI-SE AGORA

Desde o início da crise sanitária e do decretar do estado de emergência, em meados de Março, até ao momento, em todos os momentos mais difíceis, os trabalhadores e as trabalhadoras que o nosso sindicato representa, bombeiros, trabalhadores e trabalhadoras dos lares, dos cuidados, de ATL, CAO, da saúde, amas, e de todos os sectores que o nosso sindicato abrange, têm estado na linha da frente da luta contra o COVID 19 pela protecção da sociedade, em circunstâncias imprevisíveis e ameaçadoras, agindo sempre com grande humanismo, dedicação, solidariedade e responsabilidade que os tem obrigado a abandonar as suas famílias por prolongados períodos de tempo e a, inclusivamente, pôr em risco as suas próprias vidas.

É, por isso e antes de tudo, com grande orgulho que a Direcção do Sindicato constata e elogia o profissionalismo, o sentido de responsabilidade, o espírito solidário e a capacidade de resiliência destes trabalhadores e destas trabalhadoras a quem foi pedido um esforço sobre-humano, exigidos sobrecarregados e desgastantes horários de trabalho, o que não aconteceria se os rácios entre trabalhadores e utentes não fossem manifestamente insuficientes.

Mesmo em tempo de normalidade, como o sindicato tem alertado em sede de negociação colectiva, este rácio é insuficiente. **É o momento de reconhecer que os rácios de trabalhador por utente são claramente insuficientes e de contratar mais trabalhadores e trabalhadoras para estas funções permanentes.**

Só com a unidade dos trabalhadores nos seus locais de trabalho e em torno do seu sindicato de classe conseguiremos organizar a luta na base e em sede de negociações, e defender os direitos dos trabalhadores e a qualidade dos serviços essenciais e imprescindíveis à sociedade.

Se nos deixa orgulhosos saber que estes trabalhadores e trabalhadoras nunca desistem e sabem bem a importância do seu trabalho, de nada serve a valorização do trabalho destes trabalhadores e destas trabalhadoras junto da comunicação social se, na prática, não se pagar o justo valor desse trabalho, se se mantiverem as abusivas cargas horárias, excessivas e altamente desgastantes, sem sequer se pretender remunerar devidamente as horas extra.

Apesar de ser sobejamente comprovado o elevado nível de formação dos trabalhadores e trabalhadoras deste sector, traduzido na qualidade e especialização do seu trabalho, esta crise sanitária veio também evidenciar as deficientes condições de trabalho ao nível da protecção individual, higiene e segurança.



Este sector tem a particularidade da organização do trabalho nas instituições que o compõem não se reger nem por normas e sistemas de financiamento do sector público nem do sector privado. Regem-se por normas que radicam no modelo de gestão privada, mas cujo financiamento é maioritariamente feito através de injeção de dinheiro público, que o Estado deposita nas mãos dos dirigentes das instituições do sector.

Dirigentes estes que nunca denotaram ter qualquer interesse em valorizar o trabalho dos seus trabalhadores. Antes pelo contrário, a sua conduta tem muitas vezes sido regida pelo assédio moral, atentando contra a dignidade dos trabalhadores e das trabalhadoras e das suas funções e tentando convencê-los que devem abster-se de reivindicar direitos e de salários como os demais trabalhadores e deveriam ser agradecidos às instituições que os empregam, sem as quais o seu trabalho não teria qualquer valor. **Com a crise pandémica demonstrou-se o quão errados são estes argumentos.**

É imperioso que se façam as mudanças de que o sector necessita e nas quais os trabalhadores terão um papel essencial a desempenhar.

Por tudo o exposto anteriormente, o STSSSS apresenta as seguintes reivindicações:

- **Aumentar o rácio no mínimo em 1/3, ou seja, mais um trabalhador por cada três em funções.**
- **Não deve nem pode haver trabalhadores e trabalhadoras a trabalhar mais de 35 horas semanais.**
- **Aumento imediato dos salários e justo pagamento das horas extraordinárias para estes trabalhadores e estas trabalhadoras que nesta pandemia têm mostrado ser essenciais, se não imprescindíveis, à nossa sociedade.**
- **Melhores condições de trabalho, de segurança e de proteção individual e coletiva.**
- **O Estado tem de reconhecer que os serviços onde estes trabalhadores trabalham são essenciais e de responsabilidade do Estado e daí tirar as devidas conclusões e ações futuras.**
- **Integração de todas as amas nos quadros, corrigindo uma injustiça de décadas.**
- **Maior qualidade dos serviços, mais e melhores inspeções da ACT e das autoridades de Saúde, e um maior acompanhamento técnico pela Segurança Social.**

A Direção do Sindicato dos Trabalhadores da Saúde, Solidariedade e Segurança Social

Joaquim Espírito Santo